

Go - 13. 10. 61

Domingo, 17 de Março de 1957

RUBEM BRAGA

A ÁRVORE

ASSISTI, de minha varanda, a um crime de morte; a vítima devia ter vinte ou vinte e cinco anos. Era uma bela árvore de copa redonda, no terreno da esquina da praia, onde havia antes uma casa de pedras. A casa já fôra derrubada, mas a árvore durou ainda algumas semanas, como se os criminosos, antes de matá-la, resolvessem passar o pior do verão gozando a sua sombra imensa.

Assisti a queda: os homens gritaram, ela estremeceu tôda e houve primeiro como um gemido do folhame, depois um baque imenso, um fragor surdo; no mar uma grande onda arrebentou; e o mar e a árvore pareceram estredar e depois chorar juntos. Houve como um pânico no ar, pássaros voaram, janelas se abriram; e a grande ramaria ficou tremendo, tremendo.

Ante-ontem e ontem os homens passaram o tempo a cortar os galhos, esquartejando a morta para poder retirá-la; o tronco mutilado ainda está lá, com uma dignidade dolorosa de estátua de membros partidos.

De minha varanda eu vi tudo, em silêncio. Entrei para a sala, senti vontade de tomar um trago forte, roído por uma secreta humilhação, por não haver protestado. Ah, seria preciso ser um grande bêbado, ou um grande louco, ou um grande rei, para protestar. Seria preciso ser um grande rei para castigar o povo e salvar uma árvore junto ao mar!

junto à
casinha verde

passar ainda
algum tempo

crime!